



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE NA SOCIEDADE DO CACAU: uma análise sociológica da narrativa literária sul baiana**

Anatércia Ramos Lopes  
Universidade estadual de Santa Cruz  
[tercontreiras@gmail.com](mailto:tercontreiras@gmail.com)

A ficção literária do sul da Bahia se presta a um tipo especial de conhecimento da realidade, por expressar em seu conteúdo uma visão da gênese, florescimento e decadência da cacauicultura. A representação literária da configuração sócio-histórica que se fez a partir da saga do cacau expõe o pensamento presente no universo social ficcional de que nessa região se originaram componentes identitários próprios que revelam uma formação societária peculiar, prevalecendo o pensamento de que o traço mais importante que o cacau legou à região é o que se refere ao processo civilizador como uma tendência permanente de progresso nas dimensões social, econômica, política e cultural.

Confirma-se aqui que o romance é uma fonte de pesquisa significativa e constitui a possibilidade de interpretação e crítica de nós mesmos e da realidade, uma vez que é uma “[...] expressão particularmente precisa e coerente dos problemas que se apresentam aos homens comuns em sua vida cotidiana e da maneira pela qual são levados a resolvê-los” (GOLDMANN, 1973, p. 21). Isso, precavendo-se aqui da querela acadêmica sobre tese amadoana de que o cacau inaugurou uma nova era no sul da Bahia, significando isso o estabelecimento de uma ruptura radical com o passado escravagista e colonial.

É fato que os romances identificados com o período denominado de ciclo do cacau – tanto os que possuem sua divulgação e circulação restrita à dimensão local e regional quanto os que extrapolam até o limite da dimensão nacional – cumprem inquestionavelmente a função de fixar no quadro de lembranças dos indivíduos uma imagem da sociedade grapiúna que parece preencher os requisitos da construção de uma memória regional. Ao se pensar, por exemplo, nos tipos sociais gestados no contexto da saga do cacau – o coronel, o jagunço, o alugado, a prostituta, o aventureiro, o advogado etc. – a imagem que aflora imediatamente é a dos personagens romanescos, revelando



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

uma influência marcante desse discurso narrativo tanto na construção da memória do sul da Bahia, quanto na cognição de seu processo histórico.

A narrativa romanesca regional, por apresentar um teor de verossimilhança com a realidade social da “saga do cacau” sul baiana, imprime na memória social um quadro de lembranças sobre personagens, lugares, fatos e acontecimentos que lhe confere um caráter de autenticidade, a ponto inclusive de se tomar a ficção como realidade. Supõe-se que a transposição da ficção para a realidade, como é observada freqüentemente no cotidiano, se dá a ponto de em primeira mão vir à tona no quadro de lembranças das pessoas, tanto a nível local como extra-regional, personagens e situações criadas pela ficção em vez de personagens e situações reais. A grande disseminação da obra amadoana da saga do cacau e a criação de personagens típicos contribuiu sobremaneira para essa transposição da ficção para a realidade, a exemplo do mito da Gabriela, que reproduz no imaginário extra-regional um tipo de mulher das terras do cacau, que reúne em si características próprias a exemplo da sensualidade, beleza primitiva, promiscuidade, etc..

As obras de Jorge Amado e Euclides Neto expressam que as condições específicas de produção de um discurso que é parte do contexto sócio-histórico no qual está inserido seu criador o seu mundo, e sua própria experiência como autor. A narrativa literária, enquanto uma forma de linguagem não é apenas a apresentação de uma realidade, mas também a sua constituição. Neste sentido, os romances da saga do cacau representam uma interseção entre o passado e o presente e expressam a intenção de conservar a memória desse passado, conforme afirma o próprio Jorge Amado em entrevista a Alice Raillard (1990, p. 311): “Todo o meu esforço tende a conservar a lembrança de um tempo que está acabando, que em parte já acabou”. Os discursos narrativos de Jorge Amado e Euclides Neto se constituem por uma intertextualidade que revela uma relação dialógica com ecos e lembranças de outros enunciados referentes ao contexto de comunicação verbal. Implica na escolha de um estilo literário peculiar identificado com o gênero romanesco, especificamente no que concerne à variante que se impõe como uma forma representativa de uma época, na medida em que seus elementos constitutivos são reflexos do mundo real, mesmo quando o tempo da narrativa não corresponde imediatamente ao tempo presente do autor.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

As narrativas amadoana e euclidiana trafegam pela via da criação que supera a mera elaboração do “material verbal”, constituindo-se então em um ato criativo originado de um “conteúdo determinado que, todavia, recorre a um material determinado” (BAKHTIN, 2000, p. 206). As produções literárias de Amado e Neto utilizam as palavras para além de sua função técnica, definindo-se como um modo de contar a saga do cacau coerente com a lógica imanente à criação, com a realidade social e com o complexo de valores nos quais se situa o ato criador. Com isso pode-se afirmar, recorrendo a Bakhtin (2000, p. 208) que Amado e Neto desenvolvem uma narrativa “[...] condicionada por uma relação primária com o conteúdo, ou seja, com o dado imediato da vida e do mundo da vida, em sua tensão ético-cognitiva.”

Os autores viajam no tempo de forma descontínua, situando os fatos, os personagens e seus feitos num movimento dinâmico, um vai e vem de acontecimentos que formam o quadro de lembranças do narrador e que compõe o processo histórico da saga do cacau. Ao desfilar a sucessão de acontecimentos e de personagens a narrativa amadoana e euclidiana da saga do cacau transita de um lugar para outro, intercalando-os de modo articulado, percorrendo o espaço em sua singularidade, multiplicidade e complexidade, compondo assim a descontínua região cacaueira. O movimento da narrativa no tempo e no espaço transcende os limites do local, revelando uma perspectiva histórica e cultural ampla e inclusiva, de dimensão universal. A narrativa romanesca do Sul da Bahia expressa momentos típicos e fundamentais da vida na sociedade que se forma, sintetizando um conjunto de informações sobre o modo de viver e de pensar inerentes à formação da sociedade em suas dimensões social, econômica, política e cultural.

Jorge Amado, especialmente em *Cacau*, e, Euclides Neto, em *Os Magros*, expressam flagrantemente a influência do realismo ao criarem sua ficção a partir da projeção dos homens comuns, não qualquer homem, mas um dado homem circunscrito a um universo de valores e contemporâneo de determinadas circunstâncias sócio históricas, cuja essencialidade se encobre pela complexidade de uma realidade fragmentada e reificada. Isso revela uma perspectiva que situa a obra no mundo real, na época histórica mesma dos acontecimentos narrados e revela o homem em sua (des) humanidade, em sua contingência e a sociedade em sua natureza transitória, em seu movimento histórico. Como bem afirma Lukács (2000, p. 60) “o romance busca



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

descobrir e construir, pela forma, a totalidade oculta da vida [...] a intenção fundamental determinante da forma do romance objetiva-se como psicologia dos heróis romanescos: eles buscam algo.” A literatura regionalista da saga do cacau representa de modo singular o mundo abstrato, fragmentado, hierarquizado, reificado, contraditório, degradado que é constitutivo do romance, dando-lhe uma feição imperfeita que implica na possibilidade de autenticidade, de verossimilhança em relação ao mundo real, na medida mesma “[...] que a completude de seu mundo, sob a perspectiva objetiva, é uma imperfeição, e em termos da experiência subjetiva, a resignação” (LUKÁCS, 2000, p. 71). Sem dúvida, as narrativas literárias amadoana e euclidiana da saga do cacau, aqui analisadas, preenchem os requisitos do que se pode designar uma materialização do gênero épico que assume na modernidade a forma de romance, confirmando a medida certa da interseção escritor (sujeito da criação estética) e homem (sujeito do engajamento ideológico) na sua práxis literária realista. Parafraseando Engels, se evidencia nesses dois escritores a “vitória do realismo”, senão em todas, ao menos na maioria das suas obras, especialmente Jorge Amado, que à exceção de *Cacau*, segundo a advertência do próprio autor: “Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário (AMADO, 1976, p. 8). Grande parte da crítica literária balizada pelos cânones estéticos reduz a obra aos seus limites, como, por exemplo, ao que diz respeito à designação de uma opção do autor à perspectiva marxista. No entanto, a narrativa é uma expressão da experiência de vida do povo e coloca-se como um instrumento de natureza educativa com o flagrante objetivo de contribuir para a formação da consciência das reais condições de existência do trabalhador rural. Esse romance de Jorge Amado é criado no período em que o escritor esteve vinculado ao Partido comunista, logo, marcadamente influenciado pela ideologia stalinista que vigorava no partido.

Há de se considerar, como diz Bakhtin (2000, p. 291) que “[...] cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte.” Bakhtin observa que essa conclusão se estende também ao discurso lido e escrito. Isso reforça ainda mais a defesa de Seixas ao texto euclidiano, pois, produzir um discurso considerando a pluralidade de vozes e abrir-se para a possibilidade de fazer-lhes eco revela uma relação dialógica com o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

mundo social. Euclides Neto, em sua práxis dialógica cria uma narrativa que foge ao padrão da descrição linear revelando um pensamento que se movimenta dialeticamente. Em *Comercinho do Poço Fundo* adverte assim o leitor: “Quem sabe se adotando o estilo do supermercado – supermercadinho bocó de porta e janela de arraial – não vai ajudar o leitor a ir lá dentro e tirar o que lhe apetece, sem a ordem dos capítulos” (TEIXEIRA NETO, 1979, p. 74). Cada acontecimento narrado é pleno de realismo, constituindo uma unidade que se articula com o todo e que revela a multiplicidade de um universo imaginado, no que reside a riqueza da obra que pode ser definida como um conjunto narrativo do qual cada fração romanesca mais se assemelha a células “irradiadoras de luz” sobre a realidade. Amado e Neto recriaram, a partir da imaginação, as complexas relações sociais presentes no mundo do cacau e o entrecruzamento de existências originalmente e diametralmente opostas, que compõem esse universo social determinado pela marcha da expansão capitalista. Ao expansionismo capitalista se atribui conteúdos designativos de um propalado processo civilizador que se revela, por um lado, na modernização social, no progresso econômico e na evolução científica, tecnológica e cultural, e, por outro lado, na irracionalidade das históricas e atualizadas formas de exclusão social de segmentos populares e no anacronismo dos modos de degradação das relações de produção que lastreia, amplia e aprofunda as desigualdades sociais.

As dimensões objetivas e subjetivas do processo civilizador se expressam simultaneamente pelo modo como os seres humanos, circunscritos a um lugar e um tempo, vivem e pensam sobre esse modo de viver. Para Norberto Elias (1994, p. 24) “[...]‘civilização’ descreve um processo ou, pelo menos, seu resultado. Diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente ‘para frente’.” Essa designação atribuída ao termo civilização é expressa por Jorge Amado na fala de Natário da Fonseca “– Acho que vancê faz bem. Tocaia Grande ‘tá crescendo, não demora a ser um povoado, Já ‘tá em tempo de se civilizar” (AMADO, 1986, p. 184). Nesse contexto civilizar apresenta uma necessária relação com progresso, em sua dimensão de crescimento, representando este as mudanças evolutivas quantitativas que em sua trajetória inexorável exige a introdução na sociedade de mudanças qualitativas, no que remete a dimensão ideal de civilizar.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A modernização da urbe, a evolução social e o desenvolvimento econômico aparecem como arautos do processo civilizador que tem seu curso obstruído pela persistência de costumes anacrônicos que dão visibilidade à feição da sociedade identificada com a barbárie. Flagrantemente se depreende dessa fala uma visão de que o progresso material avança a passos largos enquanto que o processo civilizador, nos termos do aperfeiçoamento das relações entre os seres humanos se debate com a persistência de práticas conservadoras e extemporâneas. Tanto Jorge Amado como Euclides Neto, este último emprestando menor ênfase na descrição dos exemplos materiais de modernização e progresso, explicitam em suas narrativas esse descompasso entre a acelerada dinâmica do movimento histórico que se revela na expansão econômica, na inovação tecnológica, nos processo de povoamento, de crescimento demográfico, de urbanização, de criação, melhoria e ampliação de serviços nas áreas de saúde, educação, transporte, habitação, etc. e o lento processo civilizatório relacionado à superação dos costumes respaldados em um falso moralismo e práticas tradicionais, autoritárias e mandonistas assentadas no controle do poder econômico e político.

Amado opera uma diferenciação pontual entre progresso e civilização, ou, ao menos explícita a imagem de sua face obscura recorrentemente mascarada pela apologia ao progresso que o autor torna evidenciada na voz do narrador, “[...] quando o impetuoso progresso e as novidades da civilização transformavam a fisionomia de Ilhéus (AMADO, 2005, p. 11). Assim, antes de se processar a redução da civilização a uma inseparável relação com o progresso, impõe-se a abertura de parênteses relativamente grande, para caber a análise do caráter multifacetado de suas acepções, a saber, a que revela, por exemplo, sua relação com outra face da realidade, a barbárie, aparentemente estranha e apartada do que se refere à civilização, mas que ganha visibilidade na narrativa da saga do cacau, na medida mesma que se faz representar como seu paradoxo, isto é, como aquilo que constitui as formas de degradação das relações sociais.

A descrição dos símbolos do progresso e da modernização se choca com a representação da paradoxal e inquestionável existência da miséria que denuncia flagrantemente as disparidades sociais de um mundo exaltado pela riqueza regional proveniente dos negócios do cacau. Embora o progresso representado pela edificação de obras públicas e pelos investimentos privados nos vários setores da sociedade sinalize



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

em direção ao estado de civilização, apresentam-se, simultaneamente, aspectos identificados com o estado de barbárie. A representação do todo societário constituído de realidades aparentemente desconectadas se faz ver pelo dinamismo da história, que de um lado expressa a materialidade do progresso e o inquietante apelo à civilização dos costumes protagonizado pela classe dominante, e de outro, tem sua expressão nas formas de repressão e manipulação que exclui da modernidade que se quer instituir a parcela majoritária da população, que é privada até de sua humanidade pelo recrudescimento, no universo das relações sociais, de práticas relacionadas às situações de opressão, humilhação e aniquilação do ser humano, como imagina Euclides Neto ao narrar em *Os Magros* a degradada existência de João e Isabel, impotentes diante da miséria, do espectro da fome e da escassez de tudo, inclusive da possibilidade de encontrar alguma forma de reação

A visão euclidiana da realidade do capitalismo na região do cacau denuncia sua face destrutiva e irracional que reifica as relações, coisifica as pessoas, produz indivíduos famélicos e seres atônitos diante das suas condições de existência, indicando uma insolúvel contradição à “missão civilizadora” da expansão capitalista. Essa visão guarda certa desesperança, se comparada à recriação amadoana do universo social do cacau no que diz respeito à representação da condição do sujeito que se encontra submetido à ordem social vigente. Jorge Amado, também expressa em sua narrativa uma visão realista e uma perspectiva crítica do processo civilizador traduzido, em sua narrativa, na paulatina introdução de modernos valores capitalistas num mundo cuja estrutura de poder vigente é tributária de uma antiga ordem já extemporânea.

No entanto, o que aqui é apontado como tênue diferencial entre a visão de mundo euclidiana e a amadoana é a representação dos segmentos populares em sua existência determinada por uma estrutura social de expropriação da força de trabalho, que enfatiza o individualismo e força o sujeito a encarar como inelutável sua condição degradada. João e Isabel de *Os Magros* representam essa capitulação do homem à impotência, ao vazio de possibilidades mesmo que remotas, potenciais ou utópicas. Também em *Comercinho do Poço Fundo*, os processos de coisificação das pessoas, não escapando nem mesmo as crianças e os animais, remetem a uma ausência de potencialidades alternativas que possam emanar das camadas populares, para se alojar como esperança a resguardar algum traço de humanidade nas existências marcadas pela



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

tragédia humana, revelando isso uma radical crítica ao capitalismo, mas também uma visão profundamente pessimista, que parece indicar uma renúncia a esse mundo traduzida pela apatia, por um estado de inanição que sucumbe às formas de aniquilamento do sujeito. Os personagens do imaginário euclidiano, Bonifácio, um trabalhador rural, dito contratista “benfeitorizante”, e Vem-de-Longe, um equídeo, dito “arrimo de família”, expressam, exemplarmente, a capitulação do sujeito, que de tudo é expropriado e acaba resvalando para o “curral fechado a capricho”. Assim, na ficção euclidiana, o recrudescimento da crítica social aparece como impossibilidade concreta de qualquer alternativa, mesmo que remota, de superação da trágica realidade determinada pela permanência do caráter autoritário e excludente das instâncias de poder que são reforçadas com a introdução de novos elementos do capitalismo, constituindo assim a ordem social vigente no universo do cacau.

Jorge Amado explicita seu “humanismo socialista” na recriação da totalidade de um mundo povoado de personagens que expressam o ponto de interseção entre a ficção e a realidade, não obstante a forma mecanicista como o autor entende a consciência de classe. O sujeito que representa a classe dominada está visivelmente numa condição subalterna, porém, mesmo submetido a mais absurda e cruel forma de exploração, ainda assim conserva algum traço de humanidade, que a prosa amadoana faz ver no personagem de Bernarda, de *Tocaia Grande*, em Antonio Vítor de *Terras do Sem Fim*, em *Varapau* de São Jorge dos Ilhéus, entre tantos outros exemplos da singular floração do seu imaginário e que representam formas de resistência à impossibilidade de mudança da realidade, à morte da esperança.

Em *Cacau* (AMADO, 1976, p. 53), por exemplo, aparece a representação da idéia de civilização que compõe a mentalidade do universo que aflora da ficção literária regional e que indica uma dimensão de valor, no sentido de um estágio a ser futuramente alcançado: “Afinal o filme, todo arreventado, começou. E os olhos daquela humanidade se extasiavam ante o luxo de Nova Iorque.” A plateia do cinema corresponde à humanidade e revela a necessidade do narrador de expressar o humanismo, de atribuir aos quais falta tudo, aquilo que lhes é, *a priori*, uma condição inalienável, isto é, a própria humanidade em sua designação de um estágio no qual se realiza a emancipação humana e o aprimoramento qualitativo e quantitativo das formas de vida social. Portanto, o texto amadoano aponta para a dimensão ambivalente do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

conceito de civilização, pois a metáfora da humanidade (platéia do cinema) representa uma dimensão de valor, que remete ao imperativo da virtude e da razão. Já o contraponto entre “filme arrebatado” e o êxtase diante do “luxo de Nova York” remete tanto a uma dimensão de fato, a uma realidade objetiva revelada na flagrante contradição das condições desiguais de existência da humanidade, quanto a uma dimensão de valor, de um ideal de civilização – o “luxo de Nova York”.

A tendência afirmativa da modernização e do progresso como requisitos para a civilização é recorrente no universo social ficcional da narrativa da saga do cacau no sul da Bahia. Se evidencia na narrativa romanesca a fala das diversas frações da burguesia local expressando a apologia ao progresso da região, apontando-se os movimentos migratórios, o crescimento demográfico, a formação de cidades, o desenvolvimento do comércio, a ampliação dos setores da justiça, da saúde, da educação e da assistência religiosa, etc. como exemplos de avanço social.

A exaltação das mudanças econômicas e sociais apresenta uma esdrúxula combinação com a exibição das recorrentes práticas que se impõem como paradoxais à moderna civilização. A irracionalidade se expressa na idéia de inevitabilidade da violência no processo de desenvolvimento regional.

A violência é justificada como imperiosamente necessária ao progresso e isso remete à irracionalidade do processo de modernização social que se revela no constante descaso com a integridade humana e com a própria vida, evidenciado nas relações sociais. Há uma tendência, no imaginário ficcional da região, especialmente no que se revela na narrativa amadoana, para representar a violência como inevitável, inclusive quando se faz apologia aos desbravadores: “[...] a êles é que se deve o progresso dessa zona. Conquistaram a terra, plantaram cacau, mataram gente, construíram as cidades [...] São os nossos heróis [...]” (AMADO, 1944, p. 140). São mostrados como heróis que imprimiram uma marca civilizadora às “Terras do Sem Fim”, o que acaba se constituindo numa justificativa para a violência que dialeticamente é conformadora e conformada na “civilização” forjada na saga do cacau.

Na recriação literária do processo de modernização da sociedade regional a presença da violência, mesmo denunciando-se seu caráter arbitrário e transgressor, revela-se como motivada pela coragem, relacionada, portanto, a um valor positivo, reconhecendo-se sua significativa inscrição nas circunstâncias histórico-sociais em que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

floresceu a chamada civilização do cacau. A mesma voz que exalta o progresso, a evolução, o crescimento e reclama a condição de civilização regional contraditoriamente reconhece a violência como o dinamizador do progresso regional.

O processo civilizador é garantido pela irracionalidade que se faz ver no interior das estruturas de poder local, orientadas para a garantia e manutenção de poder e privilégios sustentados pela dominação coronelista. A fala do narrador em *Gabriela* revela a própria realidade, registrando que a introdução dos novos valores capitalistas se esbarra na resistência do que foi instituído num passado ainda recente, “[...] esse passado que ainda estava presente em detalhes da vida da cidade e nos hábitos do povo. Desaparecendo aos poucos, cedendo lugar às inovações, a recentes costumes. Mas não sem resistência, [...]” (AMADO, 2005, p. 14).

A idéia de civilização como uma consequência necessária do progresso é representada como intimamente articulada com a ampliação do horizonte intelectual da sociedade recriada pela ficção. O progresso é a indicação de uma característica da modernidade e aquilo que o evidencia constitui poderoso argumento para declarar a demarcação de uma nova era, no dizer de muitos, sua evidência constatável e mensurável.

A narrativa romanesca amadoana demonstra que a noção de progresso se fixou decisivamente na mentalidade do fictício mundo do cacau reclamando sua direta e efetiva inserção no moderno mundo globalizado a ponto de constituir-se em ideologia a influenciar as práticas políticas regionais voltadas para as mudanças sociais. Nesse universo ficcional se faz representar o embate entre a fração conservadora da burguesia, constituída pelos fazendeiros de cacau e a moderna fração dessa classe, representada pelos exportadores, comerciantes, profissionais liberais entre outros, atuando em prol da abertura da sociedade nos termos da inclusão de novas práticas mediadoras das relações sociais compatíveis com um ideal de civilização.

Deslocando rapidamente a análise do universo ficcional para o real, é importante registrar que a discussão sobre civilização assume uma dimensão significativa entre a intelectualidade regional conforme pode ser constatado nas palavras de Adonias Filho em seu ensaio sociológico *Sul da Bahia: Chão de Cacau (uma civilização regional)*. A narrativa romanesca regional cuida de representar a idéia de que a saga do cacau resulta em um processo civilizador inerente ao capitalismo em sua extensão local, nacional e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

mundial. Isso não é diferente da perspectiva de Adonias Filho que representa um esforço de que se concretize o reconhecimento do sul da Bahia como a “civilização baiana do cacau”, nos termos de “um modelo regional de complexo cultural caracterizado”. Para Norbert Elias (1994), tudo aquilo que diz respeito ao modo como os seres humanos vivem e pensam e que apresentam determinadas *qualidades comuns* pode ser designado como civilizado, porém, essa acepção conceitual apresenta uma dimensão classificatória, que implica comparar conjuntos societários classificando-os segundo uma escala hierárquica constituída de níveis superiores e inferiores. Essa percepção de civilização é apropriada pelo discurso justificador de formas de dominação que se atualizam no contexto da modernidade, mas nem por isso deixam de submeter grupos que apresentam uma configuração sociocultural diversa à dos pretensos arautos da ação civilizadora. Retomando a análise da representação de civilização na produção literária da saga do cacau, observa-se como no curso da narrativa amadoana toma corpo entre os vários segmentos da sociedade uma percepção de civilização respaldada no orgulho do que lhes parece a singularidade da região: “o chão de cacau”.

O propalado e envaidecedor progresso regional faz emergir o debate entre o antigo e o novo na sociedade regional e se afirma como base do ideal de civilização regional, mesmo reconhecendo, até com certo orgulho, a permanência de costumes balizados por uma moral conservadora. A apologia da concretização do progresso e do “impetuoso” processo civilizador representada na narrativa literária revela o projeto expansionista dos grupos de poder local, que se davam conta do potencial da região, mais para isso se fazia necessário demarcar uma nova época a partir do rompimento das amarras impostas pela estrutura sociopolítica e econômica tradicional, assentada no pacto entre a burguesia agrária regional e as instâncias de poder estadual e federal.

Em Tocaia Grande o processo civilizador é originalmente realizado pelo povo que consegue, mesmo em sua existência miserável, realizar uma experiência de convivência social, que faz emergir de uma realidade degradada um mundo humanizado, mesmo se deparando com a irracionalidade institucional, o que revela o pacto da modernidade com a barbárie, ou, sua face obscura, que será analisada no próximo item. Já no universo social de *Gabriela Cravo e Canela* esse pacto começa a ser gestado a partir da aliança entre os setores modernos e os conservadores da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sociedade. Fomenta-se um debate em torno da resistência coronelista às inovações dos modernos investidores: “- É o eterno atraso. [...] Os coronéis não compreendem que não estão mais naquele tempo, que hoje as coisas são diferentes. Que os problemas não são mais os de vinte ou trinta anos passados” (AMADO, 2005, p. 41-42). Porém o que de início se mostra conflitante vai aos poucos se acomodando por um processo de costura dos interesses aparentemente em conflito, resultando num acordo a favor do progresso. Em *São Jorge dos Ilhéus* compõe-se uma realidade social que tem como principal conteúdo o projeto de expansão econômica e consolidação da liderança política da burguesia financeira, representada pelos exportadores de cacau, que ambicionam destronar definitivamente do controle da sociedade local os proprietários das fazendas de cacau. “O coronel sempre ligara suas lutas à política e agora o prestígio político fugia-lhe das mãos” (AMADO, 1944, p. 250). Aqui, a ficção cuida bem de mostrar que os interesses são inconciliáveis.

O processo civilizador da saga do cacau é representado aqui com uma nova missão: realizar o projeto de ampliação do capital da burguesia financeira que se estabeleceu na região mais que é articulada com o capital internacional, através da apropriação das terras do cacau e do controle político. Se em *Gabriela Cravo e Canela* os setores modernos da burguesia local representados como apologistas do progresso que encetam um projeto modernizador da sociedade regional por meio de processos conciliatórios, em *São Jorge dos Ilhéus* o projeto capitalista assume declaradamente sua feição imperialista e excludente.

Em síntese, a análise das contradições da civilização remete à sua relação com a barbárie, e, no contexto da narrativa romanesca do sul da Bahia essas contradições ficam evidenciadas na representação das múltiplas e atualizadas formas de violência que media as relações sociais constitutivas do processo de formação da sociedade regional, que, não obstante sua inserção no contexto do capitalismo moderno revela uma configuração própria a partir da saga do cacau.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Os pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1999. 191 p. \_\_\_\_\_ . **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995. 259 p.
- AMADO, Jorge. **São Jorge dos Ilhéus**. 2.ed. São Paulo: Livraria Martins, 1944. 297 p. \_\_\_\_\_ . **Terras do sem fim**. 6. ed. São Paulo: Livraria Martins, 1952. 363 p.



- AMADO, Jorge; AGUIAR FILHO, Adonias. **A nação grapiúna**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1965. 63 p.
- \_\_\_\_\_. **Cacau**: romance. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 133 p.
- \_\_\_\_\_. **Tocaia Grande**: a face obscura. 2. ed. Portugal: Publicações Europa-América Ltda., 1986. 456 p.
- AMADO, Jorge. **O Menino Grapiúna**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 129 p.
- \_\_\_\_\_. **Gabriela cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior; romance. 92. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2005. 363 p.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Letras, leitor, leituras**: reflexões. 2. ed. Itabuna: Via Litterarum, 2006. 144 p.
- \_\_\_\_\_. **Floração de imaginários**: o romance baiano no século 20. Itabuna: Via Litterarum, 2008. 496 p.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e paz**: casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre no anos 30. São Paulo: Ed. 34, 1994. 224 p.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. 114 p.
- \_\_\_\_\_. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 348 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética** (A teoria do romance). São Paulo: Editora UNESP: HUCITEC, 1988. 430 p.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 421 p.
- BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 108 p.
- \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Rounet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253 p. (Obras escolhidas, 3).
- \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. Tradução de Rubens R. T. Filho; José C. M. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. 277 p. (Obras Escolhidas, v. 2).
- \_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José M. Barbosa; Hemerson A. Baptista. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. 271 p. (Obras Escolhidas, v. 3).
- CÂMARA, Antônio da Silva. Marx e Hegel: a contribuição da dialética para o estudo da arte. In: NÓVOA, Jorge (org.). **Incontornável Marx**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: UNESP, 2007. 407 p.
- CESAR, Elieser. **O romance dos excluídos**. Ilhéus: Editus, 2003. 148 p.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: LUKÁCS, Georg. **Realismo crítico hoje**. Brasília: Coordenada Editora de Brasília, 1969.
- EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Tradução de Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 327 p.
- ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução dos *habitus* nos séculos XIX e XX. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. 431 p.
- \_\_\_\_\_. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 277 p. v. 1.
- \_\_\_\_\_. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 307 p. v. 2.



- FOUCALT, Michel. **A ordem do discurso** – Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura F. de Almeida Sampaio. 11. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2004. 79 p.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991. 177 p.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. 233 p.
- GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do romance**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 223 p.
- \_\_\_\_\_. **Crítica e dogmatismo na cultura moderna**. Tradução de Reginaldo Di Piero e Célia E. A. Di Piero. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973. 141 p.
- GONÇALVES, Oscar Ribeiro. **O Jequitibá da Taboca**. 1. ed. Itabuna: Oficinas Gráficas da Imprensa oficial da Bahia, 1960. 195 p.
- HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução de Maria Ana Bernardo et al. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998. 350 p. (Nova Enciclopédia).
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.
- HEINICH, Nathalie. **A sociologia da arte**. Bauru: Edusc, 2008. 178 p. (Coleção Ciências Sociais).
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Sandra N. C. Brant. São Paulo: Boitempo, 2005. 160p
- LUKÁCS, Georg. **Marxismo e teoria da literatura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 288 p. (Coleção Perspectiva do Homem).
- \_\_\_\_\_. **Realismo crítico hoje**. Brasília: Coordenada Editora de Brasília, 1969. 205 p.
- \_\_\_\_\_. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas de grande épica. Tradução de José M. M. de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. 240 p. (Coleção Espírito Crítico).
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã** – teses sobre Feuerbach. São Paulo: Editora Moraes, 1984. 119 p.
- MENEGAT, Marildo. **O olho da barbárie**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 352 p. (Coleção trabalho e emancipação).
- MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. 566 p.
- STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**: ensaios. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 308 p.
- TEIXEIRA NETO, Euclides José. **Birimbau**. Salvador: Saga, 1946. 235 p.
- \_\_\_\_\_. **Os genros**. São Paulo: GRD, 1981. 132 p.
- \_\_\_\_\_. **O patrão**. Salvador: S. Ed., 1978. 101 p.
- \_\_\_\_\_. **Comercinho do poço fundo**. Rio de Janeiro: Antares, 1979. 185 p.
- \_\_\_\_\_. **Machombongo**. Itabuna: Cacau/Letras, 1986. 216 p.
- \_\_\_\_\_. **Os Magros**. 2. ed. São Paulo: Guena & Bussius, 1992. 164 p.
- \_\_\_\_\_. **A enxada e a mulher que venceu o próprio destino**. São Paulo: Littera, 1996. 165 p.
- \_\_\_\_\_. **Dicionareco das roças de cacau e arredores**. 2. Ed. Ilhéus: Editus, 2002. 118 p.
- \_\_\_\_\_. **Trilhas da reforma agrária**. Ipiaú: Littera 1999. 212 p.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

\_\_\_\_\_. **O tempo é chegado.** Ilhéus: Editus, 2001. 154 p.